

Filosofia da educação: para quê?

Bruno Pucci*

Resumo: Este trabalho se propõe a refletir sobre as razões contemporâneas que justifiquem a filosofia da educação. Para que serve a filosofia da educação? Baseando-se nas idéias de Adorno, recupera algumas características históricas da filosofia, como: o pensar autônomo como instrumento primeiro na formação do espírito; a razão só supera a *ratio* burguesa se voltar a ser radicalmente negativa; a filosofia retomará a construção de seu conceito se se contrapuser enquanto não-útil ao mercado e olhá-lo criticamente por dentro; se voltar a acreditar na potencialidade do conceito, seu único instrumento de intervenção; se buscar na força do estético seu olhar diferente; se iluminar as contradições do real com as luzes da utopia. Entender a fundo a força que constitui historicamente a filosofia é pressuposto indispensável para refletir sobre o problema da educação nos dias de hoje.

Palavras-chave: Educação-Filosofia, formação cultural, teoria crítica.

Abstract: This study intends to reflect on the contemporary reasons to justify the Philosophy of Education. What is it good for? Based on Adorno's ideas, it recapitulates some historical characteristics of Philosophy, such as: autonomous thinking as the first instrument for the spiritual formation; reason can only superate the bourgeois reason if it is negative reason again; Philosophy will regain the construction of its concept if it opposes itself as useless for the market and contemplates it critically from its inside; if it again believes in the potentiality of the concept, its only instrument for intervention; if it searches its diferente view in the force of the esthetics; if it illuminates the contradictions of reality by using the lights of utopy. Deep understanding of the force that historically constitutes Philosophy is unavoidable pressuposition to reflections on the educational problems nowadays.

Key words : Philosophy-Education, cultural formation, critical theory.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP e coordenador do Grupo de Pesquisa “O potencial pedagógico da Teoria Crítica”, com sedes na UFSCar e na UNIMEP.

"Nenhuma teoria escapa hoje em dia ao mercado; cada uma delas é colocada à venda como possível entre as diversas opiniões que se fazem a competência: todas são expostas para que escolhamos entre elas; todas são devoradas"

(Adorno)¹

Na era do praticismo-positivista e da semicultura generalizada, produzida e continuamente reproduzida pela indústria cultural, conceitos como *consciência crítica*, *conscientização*, *espírito crítico*, *filosofia* foram completamente invertidos e, conseqüentemente, despotencializados, pelo uso administrado, enviezado e ideológico que se fizeram deles. O professor de escolas de 1º e 2º graus, bem como o professor universitário, colocam em seu programa de curso, como objetivo primeiro de sua docência, "formar o espírito crítico do aluno", para florear a papelada obrigatória enviada à burocracia escolar, e desenvolvem o conteúdo e as metodologias de sua disciplina de maneira autoritária, repassando clichês aceitos inquestionavelmente, despejando em seus formandos "saberes" estabelecidos e muitas vezes superados. Os poderes políticos vigentes, na justificativa de decisões antipopulares e/ou interesseiras, se utilizam dos sofisticados meios de comunicação de massas, para "conscientizar a população" de que tal medida está sendo tomada como a única saída para resolver os problemas do país. Os empresários bem sucedidos, com interesses imediatos na manutenção do mercado favorável, em entrevistas com analistas econômicos, divulgam a "filosofia" por eles há muito tempo adotada, responsável pelo absoluto sucesso.

Ao mesmo tempo e às avessas, professores empenhados na formação crítica de seus alunos, irriquietos e questionadores, vistos como "sonhadores", "metafísicos" e até "perturbadores" do ambiente de trabalho por introduzirem a "desordem", o diferente, o novo. Políticos que assumem a causa dos "sem-terras", dos movimentos populares, das minorias discriminadas, taxados de "demagogos", "especuladores", "esnobes". Educadores que enfatizam com radicalidade os elementos negati-

vos do sistema, da sociedade, das agências formativas, tratados como “pessimistas”, “construtores de becos sem saídas”, “anacrônicos”.

São ruins os tempos atuais para a filosofia, porque até as empresas dizem ter uma filosofia, assim como os partidos e os homens práticos; porque são tempos em que as coisas têm que ser abordadas com filosofia, quer dizer: submeter-se sem retrucar e ainda agradecer (Aguilera)².

Como defender o potencial formativo de esclarecimento, de radicalidade e de emancipação presentes em categorias como *consciência crítica, espírito crítico, filosofia?* Adorno, em sua conferência de 1962 “Para que ainda a Filosofia?”, publicada no livro “Intervenções” (Eingriffe), colocava essa dificuldade: *Quem defende uma coisa que o espírito da época vem colocando de lado, como coisa passada e supérflua, se coloca em posição incômoda. Seus argumentos soam como coisa forçada*³.

No entanto, o mesmo Adorno, seja na elaboração de seus textos densamente filosóficos, seja nas conversas descompromissadas de suas “comunicativas” conferências, aceitando o risco de ser chamado *demodê*, insiste o tempo todo na necessidade da “auto-reflexão crítica” e na *tour de force* nela presente. Assim diz ele no último parágrafo do texto “Teoria da Semicultura”: *A formação cultural não tem outra possibilidade de sobreviver senão pela auto-reflexão crítica sobre a semicultura, em que necessariamente se converteu*.⁴ Na conferência “A Educação após Auschwitz” já tinha dito: *A educação só terá pleno sentido como educação para a auto-reflexão crítica*.⁵ “Tour de force” = realização do impossível, ... possibilidade do irrealizável, ... conciliação do inconciliável.

O que se poderia entender, na contramão da atual sociedade administrada, por “auto-reflexão crítica”? É possível reconstruir, a partir do que fizeram com a Filosofia da Educação, sua teleologia radical e emancipadora?. Pode ainda a filosofia trazer alguma contribuição efetiva para se pensar o processo de formação cultural que se desenvolve nas relações sociais de produção, particularmente nas escolas? Acreditamos que sim, mas desde que a filosofia resgate a virulência que a constituiu historicamente e que está tensamente presente em seus clássicos. A proposta deste trabalho, tendo como norteadores principais os escritos de Adorno, se apresenta como uma contribuição a este debate.

Pressuposto primeiro: a filosofia só faz jus a si mesma se for mais que uma disciplina específica

Inicialmente a filosofia era tudo e não era nada; compreendia os ainda poucos saberes sistematizados sobre a natureza, os seres vivos, o homem em sociedade, Deus. Por que ela tentava a compreensão de cada ser, utilizando-se da razão, da reflexão. Enquanto foi capacidade de análise e síntese e os resultados de sua interpretação – as teorizações – serviram como instrumento para se aproximar do entendimento do real, a filosofia conservou seu frescor. Quando suas teorizações se transformaram em verdades únicas, autárquicas, ela perdeu sua força, virou doutrina. A Escolástica é um exemplo ainda atual disso. *Quando a filosofia se converteu em uma disciplina especializada, renegou aquilo que seu conceito mesmo invocava: liberdade espiritual, que não é compatível a conhecimento especializado* (PqF:10). Em contrapartida, a filosofia, historicamente, sempre encontrou em suas próprias entranhas forças para lutar contra ela mesma. Descartes, Bacon e outros pensadores modernos – ao se contraporem radicalmente à escolástica, a partir dos desafios que a nova realidade lhes instigava – retomam a incandescência da filosofia.

Nos tempos modernos, as ciências foram se independentizando da filosofia por seus métodos e objetos de pesquisa, promoveram transformações radicais na realidade, e deixaram à filosofia duas possibilidades; ou se convertia também em uma ciência particular, sujeita aos cânones estabelecidos; ou se retirava para o reino da metafísica, da especulação. Ou a filosofia se colocava a serviço das ciências, em seu processo de fundamentação e de teorizações, como na Idade Média já servira à teologia – *philosophia ancilla theologiae* –, ou ela era decretada inútil. Eis o dilema da filosofia na era do cientificismo atual. Para a ciência não é importante aquela satisfação espiritual chamada “verdade”, mas o procedimento eficaz, o praticismo. *O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento científico*⁶.

Adorno, em vários momentos de suas reflexões, nos chama a atenção para a atualidade da filosofia e, em todos eles se coloca, de uma maneira ou de outra, contra aqueles que tentaram expulsar da filosofia sua chama de liberdade. Só para enfatizar alguns desses momentos, cito seus textos: “A atualidade da Filosofia” (conferência de 1932, ao tomar posse como professor na Universidade de Frankfurt), diversos aforismos de

Minima Moralia, escrito entre 1944-1947 (exemplos: nº 41, Dentro e fora; nº 42, Liberdade de pensamento; nº 50, Lacunas; nº153, Para terminar); conferência de 1961, ‘Para que ainda a filosofia?’; livro “Dialética Negativa”, particularmente alguns aforismos (exemplos: “É ainda possível a filosofia?”, pág.11; “O setor especulativo”, pág.24; “Reflexão do pensamento sobre si mesmo”, pág.152; “Auto-reflexão da dialética”, pág.402). *A liberdade do pensamento é o lugar em que este supera aquilo a que se vincula e oferece resistência* (DN:26). A aliança da filosofia com a ciência, a positivização da filosofia, degenerou-a e a transformou em *Weltanschauung*. A idéia de filosofia que o movimento do idealismo alemão buscava, para superar o conformismo do espírito da época, não compreendia a filosofia como uma disciplina a mais às ciências, e sim como *autocompreensão viva do espírito*. Porém, essa concepção filosófica Kantiana se reduziu a mera concepção de escola e se tornou ridícula. Desescolarizar a filosofia significa, pois, des-reificar o espírito e desenvolver o potencial de resistência por meio do próprio pensamento para que o indivíduo se oponha às chamadas filosofias profissionais.

No aforismo “Liberdade de pensamento”, da “Minima Moralia”, Adorno mostra que o recalçamento da filosofia pela ciência levou a uma separação dos dois elementos constitutivos da vida da filosofia: a reflexão e a especulação. Essa separação foi ruim para a filosofia, que se degradou na *repetição erudita de esquemas filosóficos tradicionais* ou se degenerou na *conversa fiada de visões-do-mundo privadas que não comprometem ninguém*⁷. Excluir da filosofia a especulação, como fizeram os positivistas, significa roubar dela sua nota de independência, expulsar a autonomia da razão, a sua dimensão de liberdade, de crítica.

Se a filosofia, pois, quiser fazer jus a si mesma e não se reduzir à ocupação com disciplinas específicas, e/ou submeter-se aos apelos do praticismo positivista, ela deve assumir seu comportamento livre e autônomo em relação às questões colocadas, e ser, como já o foi infindas vezes, um instrumento fundamental na *verdadeira formação/educação do espírito*.

Pressuposto segundo: se a filosofia for ainda necessária, terá que ser, como sempre, crítica, negativa

A filosofia – embora tradicional e apologeticamente tenha se caracterizado por sua pretensão à totalidade – não deveria considerar-se

capaz de abarcar o absoluto; mais ainda, deveria proibir-se de pensar nele, para não traí-lo e não eliminar de seus conceitos os fragmentos de verdade. Pretensão à totalidade *versus* crítica à totalidade: esta contradição é o lugar mesmo onde a filosofia prospera. Determina-a negativamente. À premissa hegeliana *o verdadeiro é o todo*, Adorno contrapõe *o todo é o não-verdadeiro* (MM:42). Só a via crítica permanece como porta aberta para a filosofia testar-se a si mesma e deixar de ser sistema. Os filósofos, cujas mensagens até nós chegaram, foram sempre críticos. Xenófanos, a cuja escola remonta o conceito de ser, em contraposição ao pensar vigente, quis desmitologizar as forças naturais. Sócrates, antes de ajudar seu educando na geração dos conceitos, destruía ironicamente suas “verdades”. A hipótese platônica do conceito de idéia, foi reexaminada criticamente por Aristóteles. Na época moderna, Descartes questionou a fundo os princípios gnoseológicos da escolástica. Bacon colocava como princípio primeiro da construção experimental da ciência a destruição dos *idola*. Leibniz foi crítico do empirismo; Kant foi crítico dos leibnizianos e, ao mesmo tempo, de Hume; Hegel, de Kant; Marx, de Hegel. Em todos eles, a crítica não foi mera consequência de modismos ou idiosincrasias, e sim de posicionamento decisivo na busca do conhecimento. Esses pensadores encontraram na crítica a própria verdade. No desenvolvimento da crítica têm suas filosofias o núcleo temporal; conseguiram, nela, o valor de sua ubiquação histórica, cujo conteúdo teórico persiste no atemporal (Cf. PqF:12-13)

Receber algo que se oferece à mente sem refletir sobre ele, é potencialmente o mesmo que aceitá-lo tal como é; ao contrário toda reflexão verdadeira impulsiona virtualmente o pensamento na direção de um movimento negativo. O fetiche se desfaz quando se compreende que o que existe não é simplesmente assim ou só assim, e sim que chegou a ser assim sob determinadas condições. Sua forma presente, sob a vestimenta de uma segunda natureza, é resultante de sua historicidade. Pode ser despida. A consciência se degenera pela carência de reflexão. Onde falta a reflexão, instala-se em seu lugar a ideologia. *Tudo o que legitima de algum modo a filosofia provém de algo que é negativo* (DN:58).

Pensar é o contrário de servir, é reagir. A força do pensamento se explode ao ir contra a “roda viva”, ao resistir o previamente pensado. Na reação ele se faz produtivo, criador. *O pensamento é o pólo oposto à contemplação passiva e implica, em seu próprio conceito esfor-*

ço; e esse esforço é negativo, rebelde contra a pretensão constante com que o imediato exige submeter-se diante dele (DN:27). O pensamento intervém. Sua forma de práxis é a intervenção (Eingriffe), tão cara aos ensaios de Adorno.

No aforismo “O sofrimento é físico”, da “Dialética Negativa”, após considerar a dor e a negatividade como motor do pensamento dialético, e afirmar que o mínimo vestígio de sofrimento no mundo em que vivemos desmente toda a filosofia da identidade, cita o irrequieto pensamento benjaminiano: *enquanto houver um só mendigo, continuará a existir o mito* (Cf.DN:203). Ou seja, continuará a existir a negação da vida, a opressão da totalidade, o sempre igual, o faz de conta, a aparência de verdade, a não-filosofia, a ausência da auto reflexão crítica.

Para Adorno, o método da formação cultural (*Bildung*) e da educação (*Erziehung*) deve ser negativo: o que aparenta ser torna-se efetivamente o que é pela contraposição ao que não é. É preciso expor com força, profundidade e coragem a negatividade intrínseca do excludente processo educacional, levando suas tendências antitéticas ao extremo. Porém, ressaltando sempre suas tensões existentes de modo proveitoso, na esperança de que a exposição viva e dura das contradições educacionais leve os sujeitos a se situarem com autonomia no conhecimento e na intervenção do real, pois *quando o diferente choca contra seu limite é para forçar a superação* (Cf. DN:13).

Pressuposto terceiro: da inutilidade da filosofia

Como a filosofia não serve para nada, não envelheceu ainda (PqF:22). Adorno, posteriormente, na “Teoria Estética”, fundamentando-se em Kant, irá defender a inutilidade da arte (*finalidade sem fim*), numa sociedade danificada onde só é útil o que tem uma função prática. Assim também a filosofia. Ao contrário das teorias – que não escapam ao mercado, que são todas vendáveis, devoradas – a filosofia é inútil, e o é radicalmente. Eis a sua situação aporética: ser impotente, não-funcional e, ao mesmo tempo, tornar-se possível em uma sociedade onde apenas o lucro e a utilidade prevalecem. Isso lhe confere força, criticidade. Se de um lado é percebida como um peso morto que dificulta a aquisição de conhecimentos úteis, de outro lado adquire autonomia para olhar a sociedade por dentro e sem as vendas do conformismo.

Adorno critica freqüentemente a “positivização” da filosofia, o fato de a filosofia só ser considerada como importante e necessária quando realizada em função de uma prática imediata. Esta crítica tem muito a ver com a nossa situação de educadores. Todo nosso pensar “tem-de” ser diretamente voltado para o “que fazer” pedagógico, motivado pela desastrosa situação educacional no Brasil. Mas, então, a filosofia se nega a si mesma.

Vale a pena observar como Adorno trata dessa questão no primeiro aforismo da Dialética Negativa, “É ainda possível a Filosofia?”. *A filosofia que outrora parecia superada, continua viva porque se deixou passar o momento de sua realização. O juízo sumário de que não tenha feito outra coisa que interpretar o mundo e mutilar-se a si mesma de pura resignação frente à realidade se converte em derrotismo da razão, depois que fracassou a transformação do mundo* (DN:11). Se não Marx, pelo menos muitos “marxistas” fizeram da “décima primeira tese contra Feuerbach” seu *slogan* “revolucionário” e despotencializaram a filosofia em nome de uma urgente práxis transformadora. Fizeram, para todo-o-sempre, do proletariado “o sujeito revolucionário da história”, o “continuador da filosofia idealista alemã” e se entregaram de corpo e alma à ação. Adorno conclui a idéia acima, ironicamente: *Talvez a interpretação que prometia uma transição à práxis foi insuficiente.*

O fato de a filosofia continuar viva, após seus fracassos históricos, lhe confere maior responsabilidade e rigor metodológico. Justamente porque foi comprovada sua inutilidade, porque o real, fertilizado pela filosofia, não produziu os frutos esperados, ela se encontra obrigada a se questionar sem piedade, sem considerações. Os seus fracassos lhe dão a chave para se reencontrar a si mesma.

A questão da exigência de unidade entre a teoria e a práxis tem sido muito prejudicial à teoria, deixando a esta o papel de submissa e eliminando dela sua especificidade. A práxis, por sua vez, se sente também sumamente prejudicada, pois sem a teoria que se lhe contrapõe, ela carecerá de fundamentos sólidos para sua realização e pode, como sói acontecer, descambar em irracionalidade, em barbárie. Por isso mesmo para a práxis é interessante que a teoria recupere sua independência. Em *Minima Moralia*, Adorno já tinha mostrado essa preocupação: *desde que abrimos mão da utopia e se exigiu a unidade da teoria e da prática, tornamo-nos demasiadamente práticos* (MM:37).

A relação entre a teoria e a prática nem é uma relação de unidade (não são imediatamente unidas, embora não sejam absolutamente distintas), nem é uma relação decidida de uma vez para sempre; muda historicamente. A teoria pertence sim ao contexto social, mas é, ao mesmo tempo, dotada de autonomia. A prática é fonte de onde a teoria extrai forças para sua constituição, mas não é por ela constituída. A nenhuma teoria crítica é dado esgotar-se no particular; no entanto, sem ele, nada seria. Não se pode, pois, absolutizar a tese da unidade da teoria e da práxis formulada por Marx sob o presentimento de que era preciso atuar aquela hora ou nunca mais, pois poderia ser demasiadamente tarde.⁸ Além de que, para Adorno, o pensar criticamente é intervenção no real, no social, implica em fazer; portanto, denúncia radical é práxis.

Pressuposto quarto: da pobreza da filosofia

Desde os tempos primevos, seu único instrumento de intervenção é o conceito. Este é aparentemente mais abrangente que seu objeto, pois, enquanto tal, não diz respeito apenas a este particular, mas a uma infinidade de outros. Não obstante sua prepotência de totalidade, ele fica devendo ao objeto uma explicação mais adequada. A auto-reflexão crítica tem presente este difícil desafio: a realidade ultrapassa os conceitos que a querem enquadrar, os objetos são mais que seus arquétipos. Esta premissa parece contradizer a norma da filosofia tradicional, que definia o conhecimento como “adequatio rei et intellectus”. Há sim adequação – uma forma de identidade – que nos permite dizer que tal conceito se refere a tal realidade; caso contrário não haveria conhecimento. O conceito, porém, não esgota a plenitude da realidade. Esta é plurívoca, sempre desafia o intelecto a penetrá-la mais. Resguarda sua intimidade e, ao mesmo tempo, se desnuda como um outro diferente da imagem que a quis possuir. Daí, para Adorno, a proeminência do objeto sobre o sujeito no processo de conhecimento. Faz parte da essência da Razão a busca infinda e inglória de uma identificação total entre sua criação e a realidade. Esta busca é sua frustração e também sua realização. E por isso ela se opõe radicalmente à pura contemplação e/ou à grosseira identificação, e se manifesta, em seu mesmo conceito, como esforço, construção, desconstrução. (Cf. DN:13-14; 27;36; 58).

À filosofia corresponde perseguir essa disparidade entre pensamento e coisa e experimentá-la nesta; os conceitos contraditórios da filosofia são balizas daquilo que ainda não foi resolvido objetivamente e não só mentalmente. A reflexão será tanto mais concreta se tiver em conta a veracidade dessa premissa. A intenção – “in-tensão” – da auto-reflexão crítica é dirigir-se para a construção do novo, do diferente. O conceito formal tem uma exigência imanente de invariabilidade, do sempre o mesmo: identifica-se objetivamente por meio da identidade lógica. O conceito dialético tende a pensar que a forma do pensamento já não converte a seus objetos em imutáveis, sempre iguais a si mesmos. Pois a experiência contradiz tal imobilismo. Todos os conceitos, incluindo o de ser, reproduzem a diferença entre o pensamento e o pensado.. (Cf.DN:156,157,160,176-177).

Susan Buck-Morss, em seu livro *Origem da Dialética Negativa* diz que Adorno, ao justapor conceitos antitéticos, ao apresentar a irreconciliabilidade entre conceitos e realidade, dotou seu pensamento de uma estrutura dinâmica e proporcionou a força para a reflexão crítica. Hegel via na negatividade o movimento do conceito para o outro como um momento imprescindível dentro do processo maior da dialética, em direção à síntese, à consumação sistemática, Adorno via extrema dificuldade de a argumentação caminhar irreversivelmente em direção a uma síntese inequívoca. Fez da negatividade o sinal distintivo de seu pensamento precisamente porque acreditava que Hegel havia se equivocado ao fazer coincidir razão e realidade. Como em Kant, as antinomias adornianas permanecem antinômicas, mais por causa dos limites da realidade que pelos limites da razão. A contradição não se reduz de modo algum à imanência do sujeito, é objetiva: o aparato conceitual pode pensá-la, mas não dissolvê-la⁹.

Adorno em um dos aforismos da *Dialética Negativa*, “O interesse da filosofia”, tenta mostrar que é imprescindível à filosofia confiar que somente o conceito pode superar o conceito. Esta confiança em poder alcançar o supraconceitual é uma parte necessária da ingenuidade que a acossa. Se não fosse assim, ela teria que se capitular e, com ela, tudo o que fosse espírito. Seria impossível pensar até a operação mais simples, não existiria a verdade. O mesmo abstrato recinto conceitual que a oprime, que a cerceia e que ela despreza e rechaça, é o que a desafia, a faz ir além. Essa é sua pobreza, sua impotência, e, ao mesmo tempo, sua possibilidade de realiza-

ção. *A utopia do conhecimento seria penetrar com conceitos o que não é conceitual, sem se acomodar este àquele* (DN:18).

Na verdade, todo conceito tem sua origem no não-conceitual. Para Aristóteles, nada existe no intelecto sem que antes tenha passado pelos sentidos. Kant retoma-o na “Crítica da Razão Pura”, no capítulo sobre a “Estética Transcendental”: as sensações, a materialidade são condições necessárias para a concepção das formas e, portanto, para as possibilidades do conhecimento. Espelhando-se em Kant, Adorno reafirma que o aconceitual é imprescindível para o conceitual e que o ôntico – horroroso para a pretensão de pureza – se encontra no interior do conceito (Cf.DN:141 e 142). Não existe sensação sem componente somática; toda sensação é em si também impressão corporal; todo o espiritual é modificação de um impulso corpóreo, que, por sua vez, é a forma precursora do espírito; qualquer que seja o conteúdo empírico da palavra ser, só é possível expressá-lo com os contornos do ente e não com a alergia a ele. Adorno vai além e tenta mostrar que, na atividade universal e necessária do espírito, se oculta o trabalho social. Para ele, a unidade da consciência é o reflexo das ações produtivas dentro da sociedade, que são as que criam a objetividade das mercadorias, sua objetividade (Cf.DN:181)

Enquanto a subjetividade não é explicável por si mesma e sim a partir do fático e inclusive do social, a objetividade do conhecimento requer, por sua vez, subjetividade. Isso porque a verdade, mesmo residindo no objeto, não está à mão; o objeto necessita do sujeito racional para a liberar. O objeto não é um dado, uma forma pobre e cega; ele é muito mais que pura facticidade. Seu primado é algo que deve ser construído criticamente e, mediatizado que é, não acaba com a dialética entre ele e seu sujeito. Absolutizar o dado é coisificá-lo. Isso é falsa objetividade. E a consciência pode também ser um constituinte da coisificação porque se encontra coisificada em uma sociedade já constituída. É por isso que as formas subjetivas de reação surgidas na apreciação dos componentes qualitativos do objeto necessitam ser corrigidas constantemente em confronto com este. E o instrumento fundamental para tal correção é a auto-reflexão crítica. Só a filosofia pode e deve empreender o esforço de superar o conceito por meio do conceito. Os objetos, em si mudos, petrificados, precisam ser trazidos ao discurso pela reflexão filosófica para traduzir em palavras sua potencialidade interna. Decifrar, pois, um objeto significa não o deixar intacto e nem ao sujeito.

Em contraste com o ideal científico habitual, a objetividade do conhecimento dialético não precisa de menos e sim de mais sujeito (Cf.DN:144;188-193;52;24;48). Em *Minima Moralia*, prenúncio concentrado e fragmentário da *Dialética Negativa*, Adorno já tinha expressado com ênfase a inter-relação do conceitual com o aconceitual: ... *os conhecimentos não caem do céu. Ao contrário, o conhecimento se dá numa rede onde se entrelaçam prejuízos, intuições, inervações, autocorrekções, antecipações e exageros, em poucas palavras, na experiência, que é densa, fundada, mas de modo algum transparente em todos os seus pontos* (MM:69).

Pressuposto quinto: a arte faz bem à filosofia

Para Adorno deve existir no pensamento filosófico um momento mimético, como na arte deve existir um momento racional. A *Dialética Negativa*, seu mais famoso texto filosófico, ao remar contra a forte corrente da teoria da identidade e do historicismo evolucionista, vai se utilizar dos recursos da composição mimética para tornar os conceitos mais fundos e expressivos. A *Teoria Estética*, por sua vez, vai nos mostrar que as obras de arte além de nos despertarem os sentimentos do belo, nesses mesmos sentimentos nos revelam o estremecimento, o espanto, a dor, a negação, a esperança.

A experiência filosófica e a experiência estética (sobretudo através da música) acompanharam Adorno durante quase toda a sua vida e encontraram nele maneiras produtivas de se articularem. Sua convivência familiar com a mãe e a tia, o contato com a “nova música” em Viena, o “expressionismo” de Schönberg, as lições do maestro Berg, contribuíram para aumentar os seus conhecimentos sobre a música moderna, e tiveram um profundo efeito em seus trabalhos filosóficos como modelo de seu procedimento metodológico. A *Teoria Estética* faz inúmeras referências ao entrelaçamento da arte com a filosofia. E a *Dialética Negativa* aponta explicitamente as analogias entre o pensamento crítico e a composição musical.

Em todos os seus gêneros, a obra de arte está penetrada de momentos intelectivos. Necessitam ser explicitados. Precisa da filosofia para compreender a si mesma, para dizer o que ela não consegue dizer, mas que só por ela *pode ser dito, ao não dizê-lo*. Ainda mais, todas as obras de arte são enigmas e, como tais, se apresentam para serem deci-

fradas. Na medida em que não falam, elas mesmas são incapazes de fornecer respostas a seu caráter enigmático. A reflexão filosófica se aproxima continuamente das obras de arte na tentativa de captar seu conteúdo de verdade, a resolução objetiva do enigma.

O movimento estético de Adorno não pode, pois, ser interpretado, de uma maneira reducionista, como um refúgio para a impotência de sua filosofia. Ao contrário, nesse movimento, que já começa em 1933, a estética é ao mesmo tempo o âmbito da reflexão sobre a arte e também o âmbito da sensibilidade, do concreto e do material, e portanto o âmbito de uma problematização especificamente epistemológica. A teorização de Adorno contém uma conexão entre a estética e os problemas propriamente epistemológicos da modernidade filosófica e, concretamente, uma conexão com a passagem hegeliana da estética à filosofia na esfera do Espírito Absoluto. A contribuição do conhecimento estético enquanto correção da rota da filosofia, desgastada pela profusão de categorias dos mais diferentes *-ismos*, é apresentada de modo brilhante na Teoria Estética: *Quanto mais compactamente os homens cobriam o que é diferente do espírito subjetivo com a rede das categorias, tanto mais profundamente se desabituaram da admiração perante esse 'outro' e, com familiaridade crescente, se frustraram da estranheza. A arte, como que numa gesticulação bem depressa fatigada, procura, debilmente, reparar isso. Leva a priori os homens à admiração, como outrora Platão exigia da filosofia, que se decidiu pelo contrário*¹⁰.

Eliminar da arte a reflexão, reduzindo-a ao âmbito do simplesmente irracional (como fazia Kierkegaard), significa para Adorno trilhar o caminho da Indústria Cultural. Mostrar, porém, a participação da arte na racionalidade passa a ser então uma das tarefas centrais da Teoria Estética. Isso porque a arte faz bem à filosofia. A filosofia precisa da arte. Adorno em alguns momentos de seu discurso apresenta a angústia solitária da filosofia: *A filosofia é o esforço permanente e mesmo desesperado de dizer o que não se pode propriamente dizer* (TE:63); (...) *o afã da filosofia por expressar o inexpressável* (DN:112); *seu caráter flutuante (...) não é outra coisa que a expressão do que para ela mesma resulta inexpressável* (DN:113). Tentar exprimir conceitualmente o não conceituável. É na quase impossível busca da verdade que o pensamento precisa da arte, que, na sua objetividade, expressa o inefável. Mas sem deixar de ser pensamento, pois, caso contrário, se falsearia, convertendo-se no absurdo de um objeto abstrato.

Daí, a necessidade da presença do *momento expressivo* no interior da filosofia, pois é na *expressão* que a arte – promessa de felicidade – se com(trap)õe à filosofia – promessa de redenção,¹¹ possibilitando a construção de um saber diferente do dominante.

A Arte pode ajudar a filosofia a desenvolver um saber alternativo porque ela comporta em seu interior a tensão entre seus dois momentos constitutivos, a *mímesis* e a racionalidade. Adorno vai usar a expressão *mímesis* a partir do sentido benjaminiano, enquanto capacidade de produzir reconhecimento, semelhanças: *O homem é capaz de produzir semelhanças porque reage às semelhanças já existentes no mundo*. Nessa perspectiva a dialética *mímesis*-racionalidade se torna o novo para resgatar a filosofia de suas dimensões abstratas ou por demais reificadas, reinventando sua potencialidade de interpretação do mundo danificado e sua atualidade expressiva enquanto intervenção. A capacidade mimética humana não foi eliminada pela maneira de pensar abstrata e racional, mas se refugiou e se concentrou na linguagem e na escrita. Uma delicada exatidão na escolha das palavras, como se estas tivessem que nomear a coisa, é uma das razões, e não das menores, pelas quais a expressão é essencial à filosofia. A forma de se objetivar o componente expressivo da filosofia é a linguagem, e, quando a filosofia renuncia ao componente expressivo se equipara à ciência (Cf.DN:26;57). *Uma vez suprimido o último traço de emoção, o que resta do pensamento é apenas a absoluta tautologia* (MM:107).

Pressuposto sexto: a filosofia em face do desespero e o ponto de vista da redenção

Quero, neste item, tecer alguns comentários ao último aforismo de *Minima Moralia: Para terminar* (nº 153, pág.215-216). Talvez o ideal fosse apresentá-lo tal e qual se encontra no texto, para não trai-lo com palavras impróprias, permitindo uma maior aproximação de sua potencialidade por parte dos leitores. Com a intenção de colaborar para seu entendimento, apresento algumas “dicas” para justificar a sua referência neste final de trabalho. Dividi o aforismo em três partes para facilitar a análise.

1) – A filosofia, segundo a única maneira pela qual ela ainda pode ser assumida responsabilmente em face do desespero, seria a tentativa de considerar todas as coisas tais como elas se apre-

sentariam a partir de si mesmas do ponto de vista da redenção. O conhecimento não tem outra luz além daquela que, a partir da redenção, dirige seus raios sobre o mundo: tudo o mais exaure-se na reconstrução e permanece uma parte da técnica. Seria produzir perspectivas nas quais o mundo analogamente se desloque, se estranhe, revelando suas fissuras e fendas, tal como um dia, indigente e deformado, aparecerá na luz messiânica.

Para que serve a filosofia hoje, no interior do mundo administrado pela razão instrumental, minuciosamente reconstruído pelo cientificismo opressivo? Ou a filosofia adere à ciência na sustentação desse mundo danificado, e se danifica também. Ou ela, a partir do que deveria ser uma sociedade plenamente humana, redimida, dirige suas luzes sobre o mundo, aparentemente compacto, produzindo possibilidades de estranhamento, deslocamento, rachaduras. Em face da redenção – do que deveria ser – criticar radicalmente o que ainda não é, e que dificulta o vir-a-ser, para que ele se desnude e mostre sua indigência e deformidade. *Não se pode afrouxar a tensão entre o dizível agora e o dizível depois, pois do contrário não haverá depois, e sim repetição.* As ressonâncias messiânicas só podem ser captadas em todo o seu alcance à luz de uma postura que conduz ao desencantamento do mundo. O caminho que resta ao homem, em confronto com aquela situação ideal verdadeiramente justa e desejável, só pode ser o do esclarecimento reflexivo, que se alimenta do estético e se reveste da forma de um processo educacional. Daí, a importância das “intervenções”, enquanto penetrações críticas nas fendas presentes da sociedade administrada¹².

Adorno, a partir das influências judaicas de Benjamin e também das influências católicas de sua mãe, utiliza-se de uma terminologia teológica secularizada; e dá a ela a forma de uma teologia negativa. Benjamin, em seu texto “Sobre o conceito de história”, leva a filosofia a mudar radicalmente seu enfoque a partir da possibilidade de redenção da história dos homens presente no passado. *Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente*¹³. Em Adorno, sua filosofia se alimenta da esperança de que, à luz da redenção futura, a história dos homens se altere radi-

calmente. *No fim das contas, a esperança – na medida em que se arranca da realidade ao negá-la – é a única forma na qual a verdade se manifesta. Sem esperança seria quase impossível pensar a idéia da verdade ...* (MM:85).

2) – Obter tais perspectivas sem arbítrio nem violência, a partir tão somente do contato com os objetos, é a única coisa que importa para o pensamento. É a coisa mais simples de todas, porque a situação clama irrecusavelmente por esse conhecimento, mais ainda, porque a perfeita negatividade, uma vez encarada face a face, se consolida na escrita invertida de seu contrário. Mas é também o inteiramente impossível, porquanto pressupõe um ponto de vista afastado – ainda que só um pouquinho – do círculo mágico da existência, ao passo que todo conhecimento possível não só deve ser extorquido do que existe, de modo a chegar a ser obrigatório, mas se vê por isso mesmo marcado pela mesma deformação e pela mesma indigência a que pretende se subtrair.

Várias passagens do texto nos chamam a atenção: primeiro, *obter tais perspectivas sem arbítrio nem violência, a partir tão somente do contato com os objetos*. Adorno, materialista que é, ressalta a proeminência do objeto em relação ao sujeito, a historicidade das coisas numa sociedade que continuamente restringe o trato delas a um mero manejo, sob a lei da pura funcionalidade. Ao mesmo tempo, repudia o uso, por parte da razão crítica, das mesmas armas que geraram a realidade totalitária da sociedade administrada. Ao abominar a violência, em todas as suas formas, inclusive as mais sutis, mascaradas sob a aparência de uma “falsa bondade” aponta para o esclarecimento reflexivo e crítico – a serviço de valores inalienáveis como a verdade e a liberdade – como força capaz de desatar as amarras de uma situação desesperadora e restabelecer o justo equilíbrio¹⁴.

Em segundo lugar, *obter tais perspectivas (...) é a coisa mais simples de todas*, de um lado porque a situação, vista a partir do seu contrário, desafia o conhecimento a penetrá-la mais e mais; de outro lado, *porque a perfeita negatividade, uma vez encarada face a face, se consolida na escrita invertida de seu contrário*. Essa afirmativa

adorniana caracteriza toda a sua dialética negativa. A intransigência da crítica não lhe é um instrumental teórico para caracterizá-lo como alguém sempre-do-contrário e sim a utilização mais plena das potencialidades da filosofia na interpretação da realidade, da qual depende a verdadeira práxis. A radicalização da negatividade abre caminho para a construção e consolidação da práxis.

Ao mesmo tempo, obter tais perspectivas é o inteiramente impossível, porque pressupõe um ponto de vista afastado do círculo mágico da existência. O conhecimento, que parte obrigatoriamente do contato com os objetos no ato de conhecer, se vê, por isso mesmo, *marcado pela mesma deformação e pela mesma indigência a que pretende se subtrair*. De um lado, o pensamento crítico rastreando continuamente, nas condições dadas, a possibilidade de realizar a unidade sem violência, a diferenciação sem dominação, a reconciliação do irreconciliável. De outro lado, o pensamento crítico impossibilitado na concepção de suas virtualidades, porque sua não realização é materialmente necessária para reprodução do processo produtivo e das relações mercadológicas. Para não cair no erro, é importante enfatizar que, da mesma forma que o filósofo deve constantemente desconfiar das ciladas da dialética e se auto-criticar implacavelmente, o educador, ao perceber no processo pedagógico a marca da dominação, por mais esclarecido e bem intencionado que seja, deve constantemente questionar o processo educacional e a si próprio, a cada passo.¹⁵

3) – Quanto maior é a paixão com que o pensamento se fecha contra seu condicionamento por amor ao incondicionado, tanto mais inconsciente, e por isso mais fatal, é o modo pelo qual ele fica entregue ao mundo. Até mesmo sua própria impossibilidade tem que ser por ele compreendida, a bem da possibilidade. Mas, diante da exigência que a ele se coloca, a própria pergunta pela realidade ou irrealidade da redenção é quase que indiferente.

A linguagem adorniana caminha por linhas curvas; as idéias se contrapõem na composição de sua unidade. Neste texto, Adorno nos mostra a dupla face do conhecimento: seu condicionamento social; sua autonomia. Ele tem que dar conta desses dois momentos. “Fechar-se contra

seu condicionamento por amor ao incondicionado” pode despotencializá-lo tanto quanto, ou mais, que “integrar-se ingenuamente na situação dada”. Manter a tensão entre a autonomia e a adaptação pode ser o caminho para resgatar sua virulência e criticidade. O reconhecer do condicionamento como condição para sua possível superação.

Até mesmo sua própria impossibilidade tem que ser por ele compreendida, a bem da possibilidade. A dialética de Adorno – afirma Cohn – ocupa-se tanto das condições de impossibilidade do possível quanto das condições da sua realização efetiva: por isso é crítica. Dizer que algo é impossível nas condições dadas não significa para ele simplesmente afirmar a impossibilidade, mas assinalar os limites das condições que a engendram¹⁶.

Mas, diante da exigência que a ele se coloca, a própria pergunta pela realidade ou irreabilidade da redenção é quase que indiferente. A exigência da experiência filosófica, colocada pela situação dada, e sua radicalidade são expressões adornianas do “impulso emancipatório”, essa vontade de libertação, elemento transcendental que está na base da atitude prática do ser humano: desejo, racionalmente mediado, de que tudo seja radicalmente diferente do que é.¹⁷

Conclusão

Estes são alguns pressupostos, a partir dos quais se pode repensar para quem serve atualmente a filosofia da educação. O que fizemos neste trabalho foi resgatar através de Adorno algumas características que constituem historicamente o conceito de filosofia. Resumidamente poderíamos descrevê-las assim: o pensar livre e autônomo se constitui no instrumento primeiro da formação do espírito; pensar é o contrário de servir. A razão só supera a *ratio* burguesa se voltar a ser radicalmente negativa; a filosofia retomará a construção de seu conceito se ela se contrapuser enquanto não-útil ao mercado e olhá-lo criticamente por dentro, sem as vendas do conformismo; se ela voltar a acreditar na potencialidade do conceito, seu único instrumento de intervenção; se ela buscar na expressão (na força do estético) seu olhar diferente; se ela iluminar as contradições do real a partir das luzes da utopia. Só buscando entender a fundo a força que constitui a filosofia, historicamente, é que, a meu ver, se pode trazer alguma contribuição para se

pensar o problema da formação cultural nos dias de hoje. Trabalhando nessa perspectiva, a afirmação de Adorno, em 1931 (*A crítica do pensamento filosófico imperante parece ser uma das tarefas atuais mais sérias da filosofia*¹⁸) juntamente com a afirmação de Mirian Warde, em 1990 (*Faço coro com aqueles que entendem que duas tarefas indissociáveis estão no horizonte da Filosofia e que, do seu enfrentamento, dependem as possibilidades de sua sobrevivência: a crítica radical ao cientificismo positivista e o combate corrosivo aos irracionalismos que se anunciam superadores do mal-estar de uma civilização construída sobre a ciência e a técnica, para que ela possa chamá-las à Razão*¹⁹) podem servir de horizonte para se testar a hipótese da “atualidade da filosofia” em sua reflexão-intervenção sobre os elementos de positivismo, semicultura e irracionalismo presentes em nosso processo de formação educacional.

Notas

1. ADORNO, T.W. **Dialectica Negativa** (DN), 1975, p.13.
2. AGUILERA, Antonio. *Introducción: Lógica de la descomposición*, 1991, p.10.
3. ADORNO, T.W. *Para qué aún la filosofía?* (PqF), 1969, p. 9.
4. ADORNO, T.W. *Teoria da Semicultura*, 1997, p.410.
5. ADORNO, T.W. *Educação após Auschwitz*, 1986, p.35.
6. ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M.: **Dialética do Esclarecimento** (DE), 1986, p.21.
7. ADORNO, T.W. **Minima Moralia** (MM), 1992, p.59.
8. ADORNO, T.W. *Notas Marginais sobre teoria e práxis*, 1995, p.202-229.
9. BUCK-MORSS, Susan. **Origen de la dialéctica negativa: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt**, 1981, p.129.
10. ADORNO, T.W. **Teoria Estética** (TE), 1988, p.147.

42 • Bruno Pucci

11. Cf. REIS, Sandra Loureiro de Freitas. **Elementos de uma filosofia da educação musical em Theodor Wiesegrund Adorno**, 1996, p. 37.
12. Cf. COHN, G. *Difícil conciliação: Adorno e a dialética da cultura*, 1990, p.13-14.
13. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*, 1993, p.223.
14. Cf. REIS, Sandra Loureiro de Freitas, **Elementos de uma filosofia da educação musical em Theodor Wiesegrund Adorno**, 1996.,p.29.
15. Cf. idem, ibidem, p.65.
16. Cf. COHN, G. *Difícil conciliação: Adorno e a dialética da cultura*,1990, p.10 e 13.
17. Cf. DUARTE, Rodrigo Antônio de Paiva, *Notas sobre a 'Carência de Fundamentação' na filosofia de Theodor W. Adorno*, 1994:39-49.
18. ADORNO, Theodor W. **Actualidad de la filosofia**, 1991, p.95
19. WARDE, Mirian Jorge. *A favor da educação, contra a positivização da filosofia*, 1990:27-33, p. 32.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T.W. *Para qué aún la filosofia?* In: **Intervenciones**. Versão castelhana de Roberto J. Vernengo. Caracas, Monte Avila, 1969.
- ADORNO, T.W. **Dialectica Negativa**. Versão castelhana de José Maria Ripalda. Madrid, Taurus, 1975.
- ADORNO, T.W. *Educação após Auschwitz*. In: COHN, G. *Theodor W. Adorno*. São Paulo, Ática, 1986.
- ADORNO, T.W. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1988.
- ADORNO, Theodor W. **Actualidad de la filosofia**. Traducción de José Luis Arantegui Tamayo. Barcelona, Paidós, 1991.
- ADORNO, T.W. **Minima Moralia**. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo, Ática, 1992.

- ADORNO, T.W. *Notas Marginais sobre teoria e práxis. In: Palavras e Sinais.* Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 1995.
- ADORNO, T.W. *Teoria da Semicultura.* Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Claudia B. Moura Abreu. *In: Educação e Sociedade.* Campinas. Papyrus, v. 17, n. 56, p. 388-411, dez.1997
- ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento.** Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- AGUILERA, Antonio. *Introducción: Lógica de la descomposición.* *In: ADORNO, Theodor W. Actualidad de la filosofía.* Traducción de José Luis Arantegui Tamayo. Barcelona, Paidós, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História. In: Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, v. 1.
- BUCK-MORSS, Susan. **Origen de la dialéctica negativa:** Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt. Versão castelhana de Nora R. Maskivker. Mexico, Siglo Veintiuno, 1981.
- COHN, G. *Difícil conciliação: Adorno e a dialética da cultura.* **Lua Nova.** São Paulo: Marco Zero, n. 20, 1990.
- DUARTE, Rodrigo Antônio de Paiva. *Notas sobre a 'Carência de Fundamentação' na filosofia de Theodor W. Adorno.* **Trans/Form/Ação.** São Paulo: Editora da UNESP, v.17, p. 39-49, 1994
- REIS, Sandra Loureiro de Freitas. **Elementos de uma filosofia da educação musical em Theodor Wiesegrund Adorno.** Belo Horizonte: Mãos Unidas Edições Pedagógicas, 1996.
- WARDE, Mirian Jorge. *A favor da educação, contra a positivização da filosofia.* **Em Aberto.** Brasília, v. 9, n. 45, p. 27-33, jan/mar. 1990.